

TERRITORIALIDADES LGBTs: UM ESTUDO DA REPÚBLICA E DO BAIXO AUGUSTA NO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO

Maiara Sanches Leite¹
Valéria Regina Zanetti²
Maria Angelica Toniolo³

Resumo

Este estudo, reflexivo, descritivo e exploratório, visa discutir como a população LGBT produz e ocupa os espaços da República e do Baixo Augusta, localizados no centro da cidade de São Paulo, concebidos nesse estudo como territórios, que concentram a diversidade homoerótica. Além de referências conceituais sobre Território e Região Moral, utilizou-se como recurso metodológico depoimentos de seis indivíduos da comunidade LGBT para entender a visão destes sobre os espaços de sociabilidades e encontros na cidade de São Paulo. O estudo mostrou que a região da República e Baixo Augusta, ao mesmo tempo que acolhe a população LGBT, reitera e consagra as desigualdades, legitimadas pela lógica do mercado.

Palavras-chave: Cidade, desigualdades sociais; desigualdades espaciais; LGBT; Território Fronteiras simbólicas.

LGBT TERRITORIALITIES: A REPUBLICA AND BAIXO AUGUSTA STUDY IN THE SAO PAULO CITY'S DOWNTOWN

Abstract

This study, reflexive, descriptive and exploratory, intends to discuss how LGBT people produces and occupies the Republica and Baixo Augusta spaces, Sao Paulo's downtown which has been conceived as a territories that reiterates and consecrates the homoerotic diversity. Besides the usual concepts about territory and moral region, it has been used as a methodologic source interviews of six LGBT people to understand their vision about the encounters and sociability spaces in the Sao Paulo city. The study has displayed that the Republica and Baixo Augusta regions, as the same time that accepts the LGBT population, reiterats and consecrates the inequalities, ligitimated by the market logic.

Keywords: City. Spacial inequalities. LGBT. Territory. Symbolic Frontier.

¹ Professora de História no ensino fundamental da Rede Estadual de São Paulo, no município de São José dos Campos. Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade do Vale do Paraíba. Email: maiarasanches12@gmail.com

² Docente dos cursos de licenciatura em História e Geografia e do Programa de Mestrado e Doutorado em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP). E-mail: vzanetti@univap.br.

³ Docente Programa de Mestrado e Doutorado em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP).

TERRITORIALIDADES LGBT: UN ESTUDIO DE LA REPUBLICA Y BAIXO AUGUSTA EN EL CENTRO DE LA CIUDAD DE SAO PAULO

Resumen

Este estudio, reflexivo, descriptivo y exploratório, busca discutir como la población LGBT produce y ocupa los espacios del Baixo Augusta y Republica, espacios del centro de la ciudad de São Paulo, que son concebidos como territorios que reiteran la diversidad homerótica. Además de los conceptos sobre territorio y región moral, han sido utilizados como fuentes las entrevistas de seis miembros de la comunidad LGBT, para comprender la suya visión sobre los espacios de encuentros y sociabilidades en la ciudad de Sao Paulo. Lo estudio ha demostrado que en las regiones de la Republica y Baixo Augusta, en mismo tiempo que acepta la población LGBT, reitera las desigualdades, legitimadas por la lógica del mercado.

Palavras-clave: Ciudad. Desigualdades espaciales. LGBT. Territorio. Fronteras Simbolicas.

INTRODUÇÃO

Este estudo, de caráter multidisciplinar, busca, por meio do estudo da produção social do espaço urbano, entender as formas de manutenção das vivências e das identidades da comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros) no centro de São Paulo.

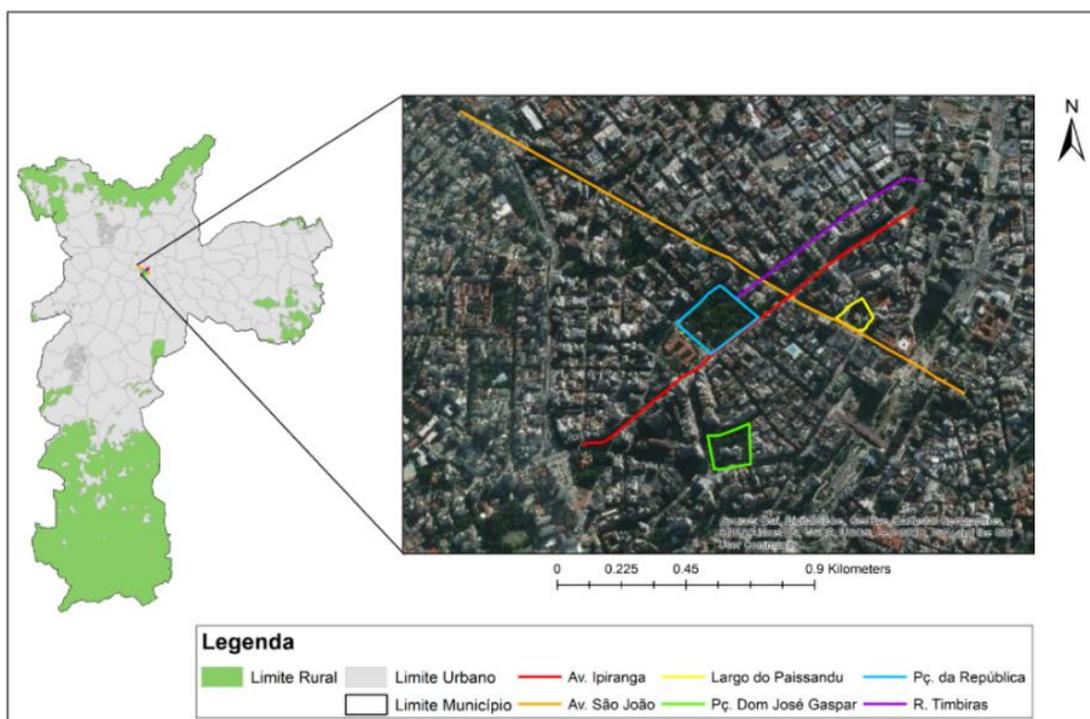
Ainda que tenham se desenvolvido na última década, as pesquisas ligadas ao tema, sobretudo no campo da história e do planejamento urbano, carecem de maior compreensão no que tange à relação indivíduo, espaço e tempo. Essa correlação nos permite um primeiro entendimento: que os indivíduos buscam moldar o espaço à sua forma, ao passo que também se adaptam às condições dele e, desse modo, constituem, pela dimensão política e sócio-espacial, territórios. Os espaços ocupados pelos LGTBs no Centro de São Paulo serão tratados como região moral (PERLONGHER, 1986). Por região moral compreende-se a área da cidade onde uma população se separa das demais; área ocupada por diferentes grupos étnicos, que deambulam por ela para acomodar seus interesses e gostos (PARK, 1979), inclusive sexuais. Trataremos mais detidamente desse conceito abaixo.

Zona do poder e do comércio durante o dia, o centro de São Paulo, assim como de muitas cidades pelo Brasil, se converte, à noite, em local de encontros de diferentes naturezas. Historicamente, o bairro da República (figura 1) sempre foi o local de concentração das vivências homoeróticas, lugar de encontro de michês e de travestis e de centralização de bares e boates destinados aos LGBTs (FRANÇA; SIMÕES, 2005). A região central, sobretudo a República, que se localiza no centro tradicional de São Paulo, tem sido considerada, pela

população LGBT, como um lugar em que os prazeres e relações homoeróticas, além das múltiplas identidades de gênero, podem ser asseguradas com relativa tranquilidade, frente aos outros espaços da cidade. Paradoxalmente, este mesmo espaço que consagra, reitera as desigualdades. De acordo com normas estabelecidas socialmente, reforçadas no lugar comum que aloja essa comunidade, travestis e transgêneros são, também ali, discriminados (SOLLA, 2003).

Nesse sentido, procura-se discutir como se estabelecem as relações sociais entre os LGBTs nos territórios da República e do Baixo Augusta (figura 1). Mais precisamente, pretende-se entender como ocorre a produção e ocupação desse território por parte dos subgrupos homoeróticos. Com o auxílio da ferramenta da história oral, aplicada ao entendimento do espaço urbano, considera-se o espaço como suporte das histórias e memórias dos indivíduos que se utilizam e, ao mesmo tempo, se apropriam dele para estabelecer suas relações.

Figura 1: Espaço das vivências homoeróticas no bairro da República em São Paulo



Fonte: Elaborado por MEDEIROS, 2019, com base nos dados do IBGE e *Google Maps*.

As entrevistas foram realizadas de forma semiestruturadas, após cada um dos participantes assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo a todos a preservação da identidade, por meio de Códigos de Identificação como P1, P2, P3 e

assim sucessivamente; onde a letra P equivale a categoria Participante, seguido do número da ordem de concessão da entrevista. Foram entrevistados seis indivíduos que se identificam como LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros). Buscou-se dialogar com, pelo menos, uma pessoa de cada subgrupo. O P1 (primeiro entrevistado), se considera como homem *gay*, assim como P2 e P3. A P4 se autodenomina mulher lésbica; a P5, como mulher bissexual, e o P6 como homem transgênero; todos vivem suas dinâmicas cotidianas ligadas ao mundo do trabalho e do lazer na cidade de São Paulo.

Este artigo visa entender como os bairros centrais da capital paulista, República e Baixo Augusta, se constituíram em territórios dos LGBTs. Do mesmo modo, busca-se investigar, com base na visão dos participantes do estudo, se estes consideram tais espaços como territórios de afirmação. Para tanto, o artigo está estruturado em três seções. A primeira apresenta como, historicamente, o centro de São Paulo se constituiu como região moral e o processo de reconhecimento desse espaço como lugar das identidades homoeróticas. A segunda seção recorta os bairros da República e do Baixo Augusta como lugar de consumo de gays, Lésbicas, Simpatizantes (GLS) e as tensões de uso e apropriação desse espaço; por fim, trata-se das diferentes territorialidades presentes no bairro da República e do Baixo Augusta a partir de depoimentos de seis participantes da pesquisa.

O CENTRO DE SÃO PAULO COMO REGIÃO MORAL E O RECONHECIMENTO DAS VIVÊNCIAS HOMOERÓTICAS

O município de São Paulo é considerado o mais populoso, com relevante Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e uma das maiores rendas per capita do país. A cidade de São Paulo cresceu atrelada à economia do café, a ponto de se tornar um importante centro econômico e político da riqueza cafeeira. O protagonismo da cidade em relação aos outros municípios paulistas está, em grande parte, ligada ao traçado das estradas de ferro construídas no século XIX, que propiciaram as condições para a industrialização, iniciada no século XX e consolidada nos anos de 1950 (IBGE, 2019).

A cidade industrializada também incorpora as contradições do sistema, ou seja, traz, no bojo de seu desenvolvimento histórico, traços das desigualdades sociais que, por sua vez, corroboram com a segregação espacial (CARLOS, 2007). Além da exclusão sócio econômica, as cidades modernas impõem aos seus indivíduos, sobretudo àqueles que não estão inclusos

nos padrões heteronormativos, lugares pré-determinados e, em muitos casos, marginalizados pela simples condição de serem diferentes (SANTOS, 2000).

O “centro velho” da cidade de São Paulo, historicamente constituído de modo a atender as demandas das classes mais abastadas, beneficiárias do sistema econômico, deixou de ser o espaço proeminente desse segmento na segunda metade do século XX. Reduto das classes populares, os bairros da Sé e da República passaram a desnudar a luta de classes, estimulada pelas diferenças econômicas, acentuada na relação trabalho/capital. Paradoxalmente, o centro da cidade ao mesmo tempo em que concentrava, substancialmente, as invisibilidades sociais de determinados grupos, passava a ser o lugar que atendia os interesses desses grupos (SILVA, 2004; FRÚGOLI JÚNIOR., 2006).

Carregados de suportes identitários, sejam eles sociais, culturais ou sexuais, os grupos vão configurando os espaços à sua maneira, produzindo lugares de afirmações ou de negação das múltiplas identidades. Do ponto de vista da sexualidade, é possível compreender as cidades de forma geral e, mais especificamente, de forma setorizada, de acordo com os usos e apropriação dos espaços por diferentes grupos (CARVALHO JUNIOR. e MACEDO, 2017).

Lugar das vivências homoeróticas, o Centro de São Paulo, na década de 1950, foi originado pela forma policêntrica, ou seja, por meio de subcentros que foram estruturados em diferentes bairros. É nessa época que se inicia a mudança do centro para outro setor da cidade, o sudoeste. Esse processo de mudança se completou nos anos de 1960 e “se deu, simultaneamente, também, à maior expansão do centro desde sua formação” (FELDMAN, 2004, p. 41). Com a iminente descentralização no próprio centro, aliado ao crescimento de espaços destinados ao consumo na cidade, o “centro velho” (Sé e República) vivenciaram, nessa década, a chamada “decadência”. Villaça (2004) entende este processo como algo comum em algumas das metrópoles brasileiras:

A partir de meados do século XX, ocorrem duas particularidades no crescimento do centro principal. A primeira é no início de uma total separação entre aquelas duas partes outrora contíguas. **O comércio e os serviços orientados para as camadas populares ocupam totalmente o antigo centro, agora abandonado pelas elites. Por seu lado, o centro orientado para essas elites cresce em áreas distantes do primeiro.** A segunda particularidade é que esse novo centro que a classe dominante começa a produzir para si, além de destacado espacial e economicamente do primeiro, começa a se diluir e apresentar enormes dimensões [...]; ao segundo momento está mais associada a chamada “decadência” dos centros principais de nossas metrópoles. Trata-se de um processo comum a todas elas, mas é mais forte nos centros de São Paulo, Salvador e Fortaleza (VILLAÇA, 2004, p. 28. Grifo nosso).

Com a desvalorização do “centro velho”, as elites migraram destes tradicionais bairros para outros, que, mais tarde, viriam a ser o “centro novo”, na região do Baixo Augusta. Enquanto isso, em meados da década de 1950, o bairro da República se constituía em território da população LGBT. Lugar das vivências homoeróticas compartilhadas, a República, ao mesmo tempo em que se tornava o espaço de acolhimento das identidades homoeróticas, era também o espaço da discriminação, inclusive dentro do próprio grupo. A divisão de classes entre os homossexuais era evidenciada nos diferentes espaços que eles frequentavam (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 35).

Em decorrência da desvalorização imobiliária, o centro antigo de São Paulo passou a concentrar a população de classes mais baixas. Concentração dos migrantes nordestinos que desempenhavam trabalhos de baixa remuneração ou atividades informais, onde também estavam as prostitutas, os michês e as travestis, o centro antigo já se caracterizava por ser o lugar dos excluídos (FRÚGOLI Jr., 2006).

O MERCADO LGBT EM SÃO PAULO

De acordo com Edward MacRae (1982), na década de 1980, as áreas centrais da cidade de São Paulo aglutinavam o público homossexual, com interesses variados:

Tem chamado a atenção nas áreas centrais da cidade e nos pontos boêmios paulistanos uma certa explosão do comportamento homossexual. A qualquer hora, à noite, especialmente, podem-se ver pessoas do mesmo sexo, geralmente homens, andando abraçados, às vezes de mãos dadas, às vezes se beijando como forma de saudação, beijos esses não raro, dados na boca. **Esse comportamento, anteriormente inconcebível em público está começando a ter respaldo em várias esferas da sociedade. É verdade que vem ocorrendo de modo mais marcante no mundo do comércio e dos serviços, onde o mercado homossexual desponta como um novo filão a prometer bons lucros** (MACRAE, 1982, p. 53, grifo nosso).

Em 1983 houve o início de mobilização dos homossexuais em torno do direito ao lazer e das demandas do segmento. Com o surgimento da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), associada aos homens gays, na década de 1980, esse amparo se restringiu. No entanto, foi na década de 1990 que o mercado GLS (Gays, Lésbicas, Simpatizantes) se expandiu consideravelmente na cidade de São Paulo, ainda assim, com a auspiciosa ajuda do Movimento Homossexual (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

O “gueto”, ou seja, as “áreas urbanas consideradas limitadas, que se organizam tanto por meio do ‘isolamento sócio moral de uma categoria estigmatizada quanto o truncamento

sistemático do espaço e das oportunidades de vida de seus integrantes””, (WACQUANT, 2004, p. 31) sofreu consideráveis alterações no contexto urbano, principalmente com o florescimento do mercado direcionado aos LGBTs. O mercado se estabeleceu como um dos propulsores da visibilidade positiva dessa população; não somente na região central de São Paulo, mas em outras áreas, sobretudo, de alto poder aquisitivo. Tal visibilidade atribuída aos LGBTs, pelo seu poder de consumo alinhados com o discurso da militância se, por um lado, fortificou a relação do espaço, por outro, não acabou com o estigma e a discriminação.

Foi nesse período que se iniciou um discurso que ligava o mercado e à militância homossexual, trazendo pautas de uma “visibilidade positiva”, visando construir a autoestima do segmento (FRANÇA, 2006). O espaço, com efeito, atuou como dispositivo de afirmação ao constituir o mercado e a militância LGBT no que se refere aos direitos conquistados pelo grupo, após a Constituição. Quando os consumidores do espaço consideravam que seus direitos estavam sendo desrespeitados em razão de sua sexualidade, exigiram igualdade por meio das ações de consumo (IDEM). A constituição de um mercado segmentado dirigido a homossexuais, a partir da década de 1990, foi condição posta para identificar os homossexuais como cidadãos e, sobretudo, como consumidores (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p, 42).

A Parada do Orgulho LGBT, que acontece todo ano em São Paulo, deixa entrever a relação entre mercado e militância dos direitos do segmento. Em depoimento, a Participante 5 (P5) assim se expressa:

Apesar de não achar que tenha aquele espaço de pertencer, eu acho que a cidade de São Paulo faz políticas públicas pra essa comunidade. A própria Parada, é um marco; a maior do gênero no mundo. Tem a delegacia em São Paulo também. As próprias Casas que acolhem, tem muito movimento coletivo em São Paulo (P5, 2018).

Para o Participante 1 (P1), entretanto, existe um “olhar negativo” da população não LGBT sobre a Parada do Orgulho LGBT:

De um modo geral, a Parada LGBT até, tipo, às vezes atrapalha. Porque as pessoas olham com o olho muito negativo ‘pra’ Parada. Achem que é só putaria. Então, tipo, a Paulista deu um foco como o *point* das gays, e ninguém se queixa, ninguém reclama. Mas nossa...na época de Parada Gay, meu Deus do céu, “eles ‘tão’ abrindo um inferno na Paulista! (P1, 2018).

A visibilidade da Parada LGBT na cidade de São Paulo atrela muitas marcas comerciais que buscam, no vasto poder do mercado, se promover. Nesse sentido, é importante

a “forma como a organização por trás dessa marca pensa e age em sua estrutura organizacional” (OLIVEIRA e SILVA, 2017, p. 4).

Considera-se, contudo, que mesmo sob a influência dos interesses econômicos, as vivências LGBTs diante do mercado são mais do que um “teto de abrigo”. Solla (2003) entende que,

Nela [nas relações entre mercado e espaço] tem lugar outras muitas relações que servem para a reprodução social do sistema que vai desde o ponto de vista espacial para a conexão com o lugar. Os mecanismos são os que, em grande medida articulam a vivência com esse sistema social, tendo os poderes públicos um papel importante nos processos de formação e desenho do solo urbano. Este, o desenho urbano, não é asséptico, pois, responde aos interesses dos sistemas de dominação⁴ (SOLLA, 2003, p. 94).

A partir do poder de consumo que os LGBT representam, sobretudo os homens gays, as marcas comerciais contribuem para a manifestação da diversidade e visibilidade positiva desses indivíduos. Mas pouco alteram para a mudança do *status quo* e da exclusão social, acentuando a vulnerabilidade social dos que não possuem esse poder de consumo.

As territorialidades da República e do Baixo Augusta

O espaço e o lugar são sexuados e possuem um caráter de gênero e as relações de gênero e sexualidade estão espacializadas (SOLLA, 2003, p. 100).

A região da República na capital paulista é, historicamente, associada às vivências homoeróticas. Este espaço reúne tanto a prostituição de michês e travestis, quanto é o lugar de confluência de bares e boates destinados aos LGBTs. Esse espaço se constitui como Região Moral, ou seja, regiões onde os prazeres próximos à ilegalidade, muitas vezes considerados marginais, encontram vazão, como os LGBTs (PERLONGHER, 1986).

Esses espaços também podem ser considerados como expressão das territorialidades (SIMÕES, 2005; FRANÇA, 2006). As práticas homoeróticas, especialmente relacionadas aos homens gays, tornou o centro de São Paulo e o bairro da República um *locus* da atividade de

⁴ Tradução livre

En ella tienen lugar otras muchas relaciones que sirven para La reproducción social del sistema y, desde el punto de vista espacial, para la conexión con el lugar. Los mecanismos de mercado son los que en gran medida articulan la vivienda con esse sistema social, teniendo los poderes públicos un papel importante en los procesos de formación y diseño de suelo urbano. Éste, el diseño urbano, no es aséptico sino que “responde a los intereses de los sistemas de dominación

lazer e diversão dos homossexuais (FRANÇA, 2006). Na figura 2, é possível observar a maior afluência dos espaços de socialização e das atividades relacionadas à prostituição nessa região.

Na organização da vida cidadina, a população tende a se apropriar do espaço conforme seus interesses, cuja “região moral” exprime uma leitura espacializada das questões identitárias no contexto urbano. A produção do espaço nos moldes capitalistas, ao mesmo tempo que consagra desigualdades permite a realização de determinadas atividades em espaços regulados. Para Solla (2003),

Estamos em um constante esforço de territorialização que implica excluir e incluir pessoas e grupos em áreas particulares, formando parte de estratégias de proteção e defesa de interesses desses indivíduos e desses grupos e expressão de domínio e controle (SOLLA, 2003, p. 91)⁵.

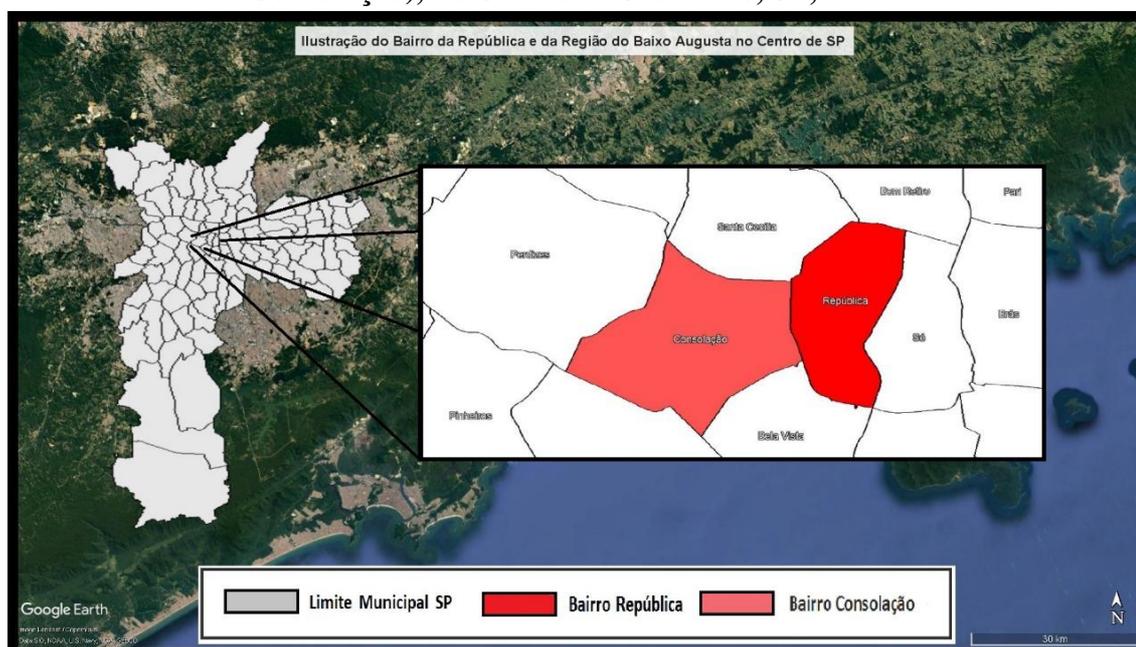
Dentre as diferenças nas vivências desses subgrupos no espaço vivido, pode-se observar que existem “territórios permitidos” aos LGBT, e esses territórios são, em suma, a República e o Baixo Augusta, localizados no Centro de São Paulo (figura 2), bem como, podem ser considerados “territórios marginais” ou, “territorialidades marginais”, uma vez que atendem aos indivíduos que fogem às normas sociais, sobretudo, os que se prostituem nessa região (PERLONGHER, 2005). É importante, contudo, considerar as diferenças nas próprias formações destes territórios. Pois, estes refletem a maneira como são constituídos nas cidades, ora invisíveis, ora marginalizados, ora como lugar da diversidade.

Estes espaços possuem marcadores sociais que matizam os significados desses lugares na região central de São Paulo, contribuindo para uma reflexão acerca dos lugares onde essa população se concentra. Isto é, essas territorialidades, que também podem ser observadas a partir da região moral, são sublinhadas no espaço pelo trânsito de pessoas cuja intenção não necessariamente é de residir, no entanto, de transitar pelo local, fortalecer a identidade de determinado grupo, e reunirem-se de acordo com seus desejos, temperamentos e identidades (IDEM).

⁵Tradução livre

Estamos en un constante esfuerzo de territorialización que implica excluir e incluir a personas y grupos en áreas particulares, formando parte de estrategias de protección y defensa de intereses de esos individuos y de esos grupos y expresión de dominio y control.

Figura 2: Bairro da República e da Região do Baixo Augusta (localizada no Bairro da Consolação), no Centro de São Paulo, SP, Brasil



Fonte: Dados vetoriais extraídos do Portal Geosampa 2019, elaborado por SOUZA, 2019

O território é, assim como o espaço, material e simbólico. Em seu sentido mais restrito, o território tem relação com a apropriação. O território inspira o sentimento de identificação – seja do indivíduo isoladamente ou de um grupo (HAESBAERT, 2004). Nesse sentido, o centro, de maneira geral e, especificamente, a República e o Baixo Augusta, podem ser considerados como territórios, tanto simbólico, quanto físico para os LGBTs.

A territorialidade pode ser entendida como a extensão de determinadas ações pelo contato entre os indivíduos, uma vez que elas se constroem socialmente. O impacto que tais ações propiciam aos espaços depende do contexto em que os indivíduos ou grupos se situam (SACK, 1986). A região da Augusta e da Baixa República pode ser entendida como território, sobretudo, dos homossexuais e das travestis, por contemplar a dimensão política e cultural e por se atribuir àquele espaço, o significado ao lugar (IDEM). O território e a territorialidade são concebidos, portanto, como funcional, no sentido material e simbólico, que faz, dele, um espaço vivido (HAESBAERT, 2004).

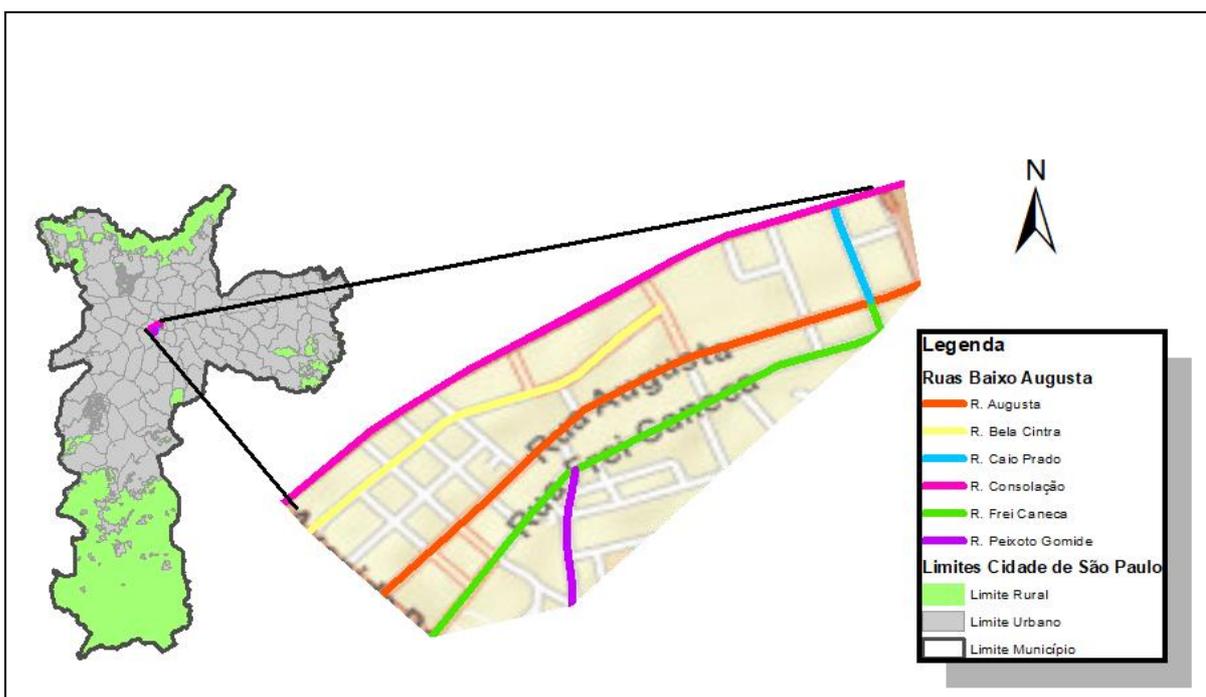
O conceito de Região moral e territorialidade não são sinônimos, mas conceitos complementares, que nos ajudam a compreender o espaço social dos LGBTs como processos que se formam de acordo com a produção, uso e ocupação do território e, sobretudo, como suportes da identidade dos diferentes grupos que a sigla não consegue mais comportar. As

territorialidades da República e do Baixo Augusta são históricas e carregam, consigo, a dimensão política e cultural dos diferentes momentos que o tempo imprimiu na configuração social.

O Baixo Augusta (figura 3), foco principal deste artigo, se estabeleceu como território dos LGBTs sobretudo no início da década 2010, com a consolidação e abertura de pontos destinados a esse grupo. Em levantamento realizado em sites e páginas oficiais das boates do bairro, verificou-se que, de 14 delas, 10 foram inauguradas ou reinauguradas neste período, com atenção especial entre 2012 a 2017.

O Baixo Augusta tem, contudo, uma dupla conotação. Segundo Puccinelli (2017) Ora é representado como lugar da diversidade, um dos espaços mais cosmopolitas da cidade, ora o local do abandono, sobretudo a Rua Augusta, onde concentra a população de travestis (PUCCINELLI, 2017).

Figura 3: Região do Baixo Augusta, Bairro da Consolação, São Paulo



Fonte: Elaborado por MEDEIROS, 2019, com base nos dados do IBGE

De acordo com as entrevistas realizadas, observa-se algumas falas dissonantes, no que se refere à relação histórica entre o Centro e os LGBTs. Para o Participante 1 (P1), o “Centro velho” (onde se situa o bairro da República) é o lugar do abandono, diferente do que ocorre no Baixo Augusta. O “antigo centro”, nesse contexto, é:

Meio que um submundo de São Paulo. É um lugar sujo, afastado, um lugar das drogas...queira ou não também virou um lugar das *gays*. Acho que, historicamente, onde que as *gays* têm que se esconder, terem que ir pra um lugar afastado...e o Centro sempre foi um lugar escuro, um lugar pras travestis se prostituirem. Então assim, o Centro de São Paulo é o berço das *gays*, onde elas se sentem seguras, entre aspas “seguras”, porque ao redor do Centro tem a Cracolândia, tem os cracudos, o número de assalto é muito grande. Porém, é onde as *gays* iniciaram a noite delas, a vida noturna, ali tem as casas de *shows* mais tradicionais [...], o Baixo Augusta também. O Centro ali pegando por completo, no geral. Porque também não tem só a parte das baladas, tem a parte das travestis, das transexuais que se prostituem. E elas tão no ‘centrão’ sujo (P1, 2018).

P1 diz que o Baixo Augusta é um “*point* novo que tá crescendo agora. Mas que ali virou um campo pras *gays* também, é um *point* muito bom” (IDEM). Ou seja, evidenciando as diferenças entre uma territorialidade e outra, uma opera como o “submundo”, próximo à marginalidade, “onde as *gays* se escondem” e, a outra territorialidade, se desenvolve como “um *point* novo”, menos associada ao território tradicional do antigo centro, mas como parte do mercado GLS ou LGBT. Para P2, a região consiste em um suporte de identificação cultural para os LGBTs, ou seja, se constitui como território que comporta a diversidade. Nesse território, criou-se “um público específico, com interesses em comum, **não havendo oposição, criando um núcleo...**” (P2, 2018 grifo nosso). P2 reitera, portanto que, se existem tensões, elas são consideravelmente menores do que em outros espaços, já que o movimento “LGBT é uma propagação de cultura e, o centro, é como ponto de encontro para a interação, (para) o conhecer” (IDEM).

A partir dos depoimentos dos participantes que contribuíram para a realização da pesquisa, buscou-se entender por que o Baixo Augusta se apresenta tanto como território simbólico de afirmação das identidades homoeróticas, que fogem à determinação da heteronormatividade, como lugar das práticas culturais das vivências homoeróticas.

Para P1, homem *gay*, Baixo Augusta e República se constituem de maneiras distintas. No entanto, ambas como lugar da afirmação da identidade LGBT. É desse modo que P2, também homem que se identifica como *gay*, concebe este espaço: “O preconceito existe e quando você está em um ambiente que você é minoria, ele se destaca. O público LGBT se destacar no centro, é [a] forma da gente se fazer maioria, para se sentir seguro” (P2, 2018). P5, mulher bissexual, corrobora com a presença da multiplicidade sexual e cultural do Baixo Augusta:

[...] em São Paulo, o Centro que é a vida. A vida noturna de São Paulo é no Centro. Tem muita casa lá. Mas não é só no Centro [...]. Mas a região da Augusta você tem mais [vida noturna]. Você tem muito mais. Até porque não é só os LGBT, você tem os simpatizantes. Lá é a galera em geral (P5, 2018).

P4, mulher que se identifica como lésbica, percebe o espaço do centro e, principalmente do Baixo Augusta, como o lugar da diversidade, de maneira similar à P5:

É uma região em que tem uma grande diversidade, e uma concentração do público LGBT, o que acaba fazendo com que seja um **território que transmita mais segurança**. É um espaço que se pode exercer sua liberdade individual, sem se preocupar com um enquadramento social (heteronormativo), por receios. **Obviamente, ainda existem medos e receios, mas por estar em uma região que concentra nossos semelhantes, nos passa mais segurança** (P4, 2018, grifo nosso).

Para P5, o Baixo Augusta se estabelece como o lugar da diversidade por englobar diferentes grupos com perspectivas e classes distintas e preservar as características de território LGBT:

A Baixo Augusta é ‘pra’ todo mundo. Você vai ter (a presença de) hetero, você vai ter gay, você vai ter lésbica, você vai ter todo mundo. Porque a região acolhe. E não é aquela região...você vai poder beijar seu namorado em paz, porque o povo não tá nem aí, o povo só quer se divertir, a Augusta ela tem essa áurea de leveza, de você ser o que você é. É por isso que o povo prefere ir pra lá, porque lá o povo não tem essa coisa moral, você pode extravasar, ser quem você é na Augusta. É o que eu percebi daquela região, é uma região boemia [...]. É uma região associada ao *Indie*, MPB, Samba, você atrai todos os nichos. E você vai ter uma galera tocando Pagode ali, e do outro lado uma balada, e uma galera mais diferenciada. Você vai ter tudo naquela região, e é legal. Cada barzinho tem a galera também e ‘tão’ se entrosando. Um bebe a bebida do outro, o carro passa, a galera conversa, para. Tem de tudo, é muito legal, você para no carrinho do cachorro quente, você faz uma amizade (P5, 2018, grifo nosso).

É interessante ressaltar que, para os participantes da pesquisa, a República e, sobretudo o Baixo Augusta, além de serem os lugares da diversidade, também são lugares de resistência, de afirmação da identidade LGBT. Para P3, homem *gay*, é importante “lutar para que estes espaços que promovem a cultura sejam preservados em detrimento aos avanços de determinados segmentos sociais” (P3, 2018). Ou seja, o participante da pesquisa teme que os espaços LGBTs se constituam apenas espaços de consumo dos LGBTs e reforça a importância desses espaços, antes de tudo, como lugares que acolham os diferentes grupos homoeróticos, e, sobretudo, as suas demandas sociais e culturais.

Mesmo com os avanços no que se refere à possibilidade de poderem viver e se afirmar como homossexuais, pelo menos nesses lugares, os participantes ressaltam as dificuldades de

ser travesti e transexual, o que denota uma significativa dificuldade dentro desses subgrupos, tanto com relação a suas vivências nos espaços que, em princípio, acomodam a diversidade sexual, quanto da escassez de políticas públicas direcionadas a estes subgrupos. Para o P2,

com eles (travesti e transexual), o preconceito é ainda maior sim, até dentro da comunidade LGBT; por falta de conhecimento, porque a comunidade LGBT é muito mais que uma pessoa gostar do mesmo sexo. É também você se sentir diferente do gênero que nasceu, e poucos entendem isso e criam uma resistência a eles. A forma que eles se vestem não é uma fantasia afim de entreter pessoas, até mesmo androgenia é a forma que eles se veem (P2, 2018).

P3 afirma que, nos últimos anos, com os investimentos do município, essa população passou a receber atenção da Prefeitura, o que corrobora para a inserção do grupo de travesti e transexual no mercado de trabalho, ainda que, cerceados pelo estigma:

Como morador de São Paulo, visualizei alguns programas voltados para a pauta LGBT, com grande grau de importância para as travestis, onde empresas parceiras da prefeitura contratavam as mesmas, além de cursos de formação de cabelereiras e maquiagem para futuramente serem empreendedoras de sucesso, contrapondo o destino predestinado da prostituição (P3, 2018).

Para P6, homem transgênero, tanto os travestis quanto @s transgêneros têm dificuldades de se inserirem no espaço:

O Centro é um pouco mais liberal, porém depende muito do estabelecimento e o local que ele fica. Existe[m] locais que abraçam os LGBT, porém existe locais que apesar de não deixar visível o preconceito, dá para perceber que alguém está incomodado e no caso [quem está incomodado] só não toma nenhuma atitude porque às vezes o estabelecimento é totalmente a favor dos LGBT (P6, 2019).

P1 considera que, mesmo que a cidade e, conseqüentemente, o Centro, sejam propícios à diversidade homoerótica, com relação aos travestis e transgêneros, no entanto, é recente o processo de inclusão e visibilidade dessa categoria na cidade de São Paulo:

Começaram a surgir agora [políticas de inclusão]. Pós governo [Fernando] Haddad, prefeitura Haddad. Porque até então elas não tinham uma oportunidade, **elas estavam socadas no submundo da prostituição. O que é a realidade do Brasil inteiro. As travestis e trans estão socadas no mundo da prostituição.** Você não vê elas usufruindo dos espaços públicos, escola, hospital, ou até mesmo transporte público. Você vê pouco delas. Mas com as políticas de inclusão de incluí-las na escola, no mercado de trabalho, você consegue ver mais (P1, 2018, grifo nosso).

Os indivíduos, portanto, buscam momentos de lazer, ao passo que desejam se sentirem seguros, assim como, perceber-se em seus iguais. Ou seja, se sentir parte do lugar, e desse modo, relacionar-se nesses espaços, cujo tais vivências se tornam permitidas (LEFEBVRE, 2001). Uma vez que tais necessidades são opostas e complementares, ou seja, compreendem o sentido de

segurança e a de abertura, a necessidade de certeza e a necessidade de aventura, a da organização do trabalho e a do jogo, as necessidades de previsibilidade e do imprevisto, de unidade e de diferença [...] o ser humano (tem desejo) de ver, ouvir, tocar, de degustar, e necessidade de reunir essas percepções num “mundo” (LEFEBVRE, 2001, p. 105).

Dessa forma, os lugares denominados de região moral são necessários para as interações, principalmente quando ocorrem entre grupos de minoria, como no caso dos LGBTs.

Pode-se considerar que existem fronteiras simbólicas, ou seja, as que não estão inscritas de modo a limitar fisicamente determinados espaços, mas constituem as territorialidades LGBTs. As fronteiras são delimitadas de acordo com as próprias vivências desses indivíduos dentro dos territórios, sobretudo das travestis e dos transgêneros, pois, como os entrevistados afirmaram, estas se reproduzem de modo distinto, e limitam, muitas vezes, as possibilidades de desfrutar do espaço, como os outros subgrupos. Isto ocorre, pois, a estigmatização do indivíduo colabora para que a possibilidade de sua aceitação social, de acordo com valores heteronormativos seja diminuída, ao passo que, indivíduos que mantenham papéis heteronormativos, mesmo que se considerem homossexuais, possuem uma maior aceitação, e conseqüentemente, podem usufruir melhor do espaço. Nesse contexto, exista a diferença entre o homossexual e a *bicha* (MACRAE, 1982).

Muito embora MacRae tenha escrito seu artigo na década de 1980, ainda se faz presente essa diferenciação que se inscreve sobremaneira nas vivências socioespaciais no Centro de São Paulo. Os participantes da pesquisa relatam que não existem tensões, e que o Baixo Augusta permite diversas sociabilidades em seu escopo. No entanto, quando se referem aos travestis e transgêneros, é possível entender que os espaços de maneira geral consagram desigualdades, e restringem possibilidades. Para a P5, isso ocorre porque:

Eles [travestis e transgêneros] fogem dos padrões heteronormativos. Você tem, por exemplo, um gay que quer ser feminino, você tem um preconceito. Como você tem em tudo. A pessoa quando é gay, sempre tem aquela “é gay, mas não precisa ser assim”. Então é o machismo estruturado, a sociedade patriarcal. O problema não é gay gostar de homem, mas é o gay querer ser mulher. Então, às vezes, o preconceito não tá só na sexualidade, mas sim na forma dele querer ser mulher. Porque a mulher é subjugada. O problema é ele ser o passivo da relação, tem a relação de poder. Acho que muito preconceito é isso, ele querer ser o feminino. Mas muito mais em mulheres trans. Porque ele quer ser mulher (P5, 2018).

É possível observar que os estereótipos de gênero influenciam nas práticas homoeróticas inscritas no espaço, criando, portanto, fronteiras simbólicas entre o “permitido” e o “não permitido”, bem como, possibilitam a existência de uma luta de classes. Ainda que não se dê exatamente entre esses subgrupos, nas territorialidades da República e do Baixo Augusta, elas se evidenciam nos espaços que são negados às travestis e que são permitidos aos gays masculinizados ou lésbicas femininas, por exemplo, o que denota a segregação entre os segregados, e na desigualdade na produção e ocupação do espaço por meio desses dois subgrupos. Para a P5, os papéis de gênero, aliados à questão socioeconômica influenciam na realidade de uma metrópole como São Paulo.

Nenhuma metrópole é certinha, todo mundo igualzinho, então você tem uma parte que segrega e acolhe, mas a segregação é socioeconômica. Eu não acredito que seja, pode ser por preconceito, mas eu acredito que a segregação maior é econômica. **Porque aí você tem aquela questão da bicha de periferia, e o gay rico, o boyzinho, aquele que se veste com a sua roupa de marca.** Como você tem espaços pra hetero também. A galera do funk, e a galera das lounges em São Paulo. Não precisa ser pela sexualidade, é pelo socioeconômico (IDEM).

Ou seja, esse conflito não decorre das relações entre os LGBT, uma vez que eles acreditam haver uma aceitação à diversidade, e à própria diminuição nas normas sociais nessas regiões específicas na cidade. Mas sim, das próprias contradições do sistema capitalista, e da formação das cidades, aliado à construção sócio-histórica da heteronormatividade que é exemplificada no espaço vivido, concebido e percebido desses indivíduos. O P1 exemplifica as diferenças e fronteiras simbólicas do “permitido” e do “não permitido”.

São Paulo é muito desigual, a gente vê, a Paulista é bonita, a Augusta é bonita, mas dentro dos outros bairros não é tão assim. As pessoas não são assim...pra essas coisas elas são mais ignorantes. O buraco é mais embaixo. **O pessoal de baixa renda, favela, não é um pessoal que entende as mudanças da sociedade, que as pessoas podem ser que elas quiserem. Que agora homem pode sim, usar um saião, um salto...as pessoas sentem medo dentro do próprio bairro. As pessoas não saem pra fora e não conhece o diferente. Eu mesmo no bairro que eu morava, eu não tinha coragem nem de andar de cabelo solto, porque as pessoas já me zuavam. “Ah, princesa!” ou só falavam do meu cabelo, mas me zuavam, só por estar com o cabelo solto, então nem o cabelo eu tinha coragem de soltar. Eu morava bem na comunidade mesmo, na favela. Ali era mais *trash*, ali eu tinha medo de soltar o cabelo. Engraçado que na favela parece que se você for gay, você tem que ser travesti, tem que assumir uma imagem de travesti, de promiscua, e lá tem umas duas ou três travestis, mas criança...14, 16 anos, mas aceitam. Se passa um gay lá ‘pra’ comprar droga, ou passa só, ou eu mesmo, eles zoam, não aceitam muito bem. Ou você é homem, homem, ou você vai ser travesti, humilhado** (P1, 2018, grifo nosso).

Ainda que diante de diferentes vivências, as territorialidades do centro – República e Baixo Augusta – se constituem como espaços de afirmação das identidades homossexuais, bissexuais e transexuais, mesmo que cada subgrupo se aproprie do espaço de diferentes maneiras e de forma desigual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das relações estabelecidas sócio espacialmente no Centro de São Paulo, e mais especificamente nas áreas do Baixo Augusta e da República, observou-se que, nesses espaços, as práticas homoeróticas são aceitas por ativarem a economia da região.

Pontuou-se as diferenças na forma de ocupação e produção das territorialidades LGBTs nas áreas delimitadas para estudo, pois, cada subgrupo vivencia e percebe o espaço à sua maneira. A lógica de apropriação do espaço nessas áreas é orquestrada pelas demandas sexuais e sociais do grupo, mas também mantida pela determinação do consumo e da dinâmica econômica que essa área produz. A racionalidade do uso e ocupação do espaço pelos LGBTs, baseada nas referências identitárias dos diferentes subgrupos que o grupo comporta, também é determinada pelas condições de classe. A região da República e da Baixa Augusta, ao mesmo tempo que acomoda a diversidade sexual, estigma e segrega transexuais e travestis. As fronteiras da discriminação não são demarcadas espacialmente; elas são simbólicas. As referências identitárias ordenam as relações dos indivíduos que criam formas de uso e apropriação do espaço derivadas de um conjunto de simbologias vivenciadas e compartilhadas. As mesmas fronteiras sociais e simbólicas que permeiam a sociedade, de

forma geral, marcam presença em todas as instâncias e dimensões dos subgrupos que fogem à heteronormatividade, reproduzindo padrões e escalas de identificações baseadas, sobretudo, nas diferenças. O mesmo espaço que aloja a diversidade é palco das tensões e das distinções daqueles que buscam afirmações e fazem, do seu espaço, o seu território.

REFERÊNCIAS

CARLOS Alessandri, Ana Fani. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade.** FFLCH, 2007,123p.

CARVALHO, Claudio Oliveira e Jr. MACEDO, Gilson Santiago. **Isto é um lugar de respeito!: A construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano.** Revista de Direito da Cidade, vol. 09, nº 1., 2017.

FELDMAN, 2004. **São Paulo: Qual Centro?** In **Urbanismo: dossiê São Paulo - Rio de Janeiro/** organizado por Maria Cristina Schicchi e Dênio Benfatti. - Campinas: PUCAMP/PROURB, 2004. 325p.:

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado na cidade de São Paulo.** Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de mestrado, 264P. 2006.

FRUGOLI Júnior, Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole /** Heitor Frúgoli Jr. - São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 2000

HAESBAERT, 2004. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade,** Porto Alegre.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-paulo.html> acesso em: 04/03/2019

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad.Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

_____ **O Direito à Cidade.** São Paulo: Editora Centauro, 2001.

MACRAE, Edward. **Os Respeitáveis Militantes e as Bichas Loucas.** In: EULÁLIO, A. et al. (orgs.). Caminhos Cruzados. São Paulo, Brasiliense, 1982, pp. 99 - 111.

MEDEIROS, Mariana Nepomuceno, 2019, com base nos dados do IBGE e Google Map.

OLIVEIRA, Vania B.: SILVA Marcio Augusto M. da, 2017. **Empresas e marcas se voltam para a causa LGBT.** XXI INIC Encontro de Iniciação Científica – Ciência que aproxima, ciência que liberta, 2017.

PARK, Robert E. **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano,** in VELHO, O.G. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

PERLONGHER, Nestor Oswaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo.**

Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.

_____ **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.** GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (Orgs.) Editora Unesp, 2005.

PUCCINELLI, Bruno. **Perfeito para você, no centro de São Paulo:** Mercado, conflitos urbanos e homossexualidades na produção da cidade. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2017.

SACK, 1986. *Human Territoriality: its theory and history.* Cambridge: Cambridge University Press.

SANTOS, Milton. **O espaço cidadão.** 5ª edição São Paulo estúdio Nobel, 2000. (Coleção espaços).

SILVA, Luís Octavio da. **Breve historia do centro de São Paulo: Sua decadencia e reabilitação** in **Urbanismo: dossiê São Paulo - Rio de Janeiro/** organizado por Maria Cristina Schicchi e Dênio Benfatti. - Campinas: PUCCAMP/PROURB, 2004. 325p.:

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris – do movimento homossexual ao LGBT.** Editora Fundação Perseu Abramo. 2009.

SIMÕES, Júlio Assis. FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado: **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.** GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (Orgs.) Editora Unesp, 2005.

SOLLA, José, dos Santos M. *Espacios disidentes en los procesos de ordenacion territorial.* L, **Pegada.** vol. 4 n. 2, 2003.

SOUZA, Guilherme Henrique, com base em Dados vetoriais extraídos do Portal Geosampa 2019

_____ com base em Dados vetoriais extraídos do Portal Geosampa 2019

VILAÇA, Flavio. **Reflexões sobre o centro de São Paulo.** In: BENFATTI, Dênio. **Urbanismo: dossiê São Paulo – Rio de Janeiro.** Campinas, 2004.

WACQUANT Loic, 2004. **Que é gueto? Construindo um conceito sociológico.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 23, p. 155-164, nov. 2004

Recebido em Fevereiro de 2020

Aceito em Maio de 2020

Publicado em Julho de 2020